

**VIDA
APÓS
A
VIDA
COM
COMENTÁRIOS**

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo, 1969 –

Vida após a vida com comentários

*Itariri/SP, Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 2020, 199 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798715417855 Edição 1º

1. Vida após a vida 2. Tanatologia
3. EQM 4. Experiência extracorporal

CDD 020

CDU 002

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

VIDA APÓS A VIDA

Dr. Raymond Moody Jr.

Publicação original (1976):
LIFE AFTER LIFE

Dr. Raymond Moody Jr.

Sumário

A experiência de morrer —

Agradecimentos —

Prefácio —

Introdução —

1. O fenômeno da morte
2. A experiência de estar morrendo
3. Paralelos
4. Perguntas
5. Explicações
6. Impressões

Posfácio

INTRODUÇÃO

Este livro VIDA APÓS A VIDA é um clássico do estudo do fenômeno espiritual que envolve a morte, publicado em 1977 pelo Dr. Raymond Moody Jr. e eu irei analisá-lo a luz das Escrituras Sagradas. Sim, o que Raymon Moody coletou de informações condiz com a Bíblia Sagrada? Nós cristãos acreditamos na vida após a vida terrena, como praticamente todas as religiões acreditam, ainda que grupos como os adventistas e testemunhas de Jeová acreditem que a alma fica em repouso, no sono da morte, mas acreditam que no futuro voltarão a vida. Assim, eles também acreditam na vida após a vida, ainda que pensem que haverá uma interrupção momentânea até que vivam novamente após esta vida.

A passagem desta vida para a outra é uma realidade, ainda que permeada de muitas incertezas que a ciência nada pode fazer para esclarecer, ou pior, não querem enxergar, já que a ciência moderna adotou o ateísmo e o agnosticismo como dogma, e as religiões se contradizem sobre o destino dos mortos e como são distribuídas estas populações de almas desencarnadas. Estudaremos agora este livro.

VIDA APÓS VIDA

O que acontece quando uma pessoa morre? Uma pesquisa séria e impressionante do fenômeno da sobrevivência à morte física.

Nos últimos anos o Dr. Raymond Moody Jr. Conduziu um estudo envolvendo mais de uma centena de indivíduos que experimentaram a morte clínica e reviveram.

Os relatos de suas experiências são espantosamente semelhantes em seus detalhes e fornecem uma prova incontestável da sobrevivência do espírito humano depois da morte. Este livro vem confirmar o que nós temos pensado durante dois mil anos: que existe vida depois da morte!

A partir do estudo descrito no livro Vida Depois da Vida, e com o auxílio dos depoimentos de cerca de 150 pessoas que sofreram de morte clínica, ou aos quais havia sido diagnosticado que tinham quase morrido, Moody concluiu que existiam nove experiências comuns à maioria das pessoas que passaram pela experiência de quase-morte, tais como:

ouvir um zumbido nos ouvidos;
um sentimento de paz e ausência de dor;
ter uma experiência fora do corpo;
sentir-se a viajar dentro de um túnel;
sentir-se a subir pelos céus;
ver pessoas, principalmente familiares já falecidos;

encontrar seres espirituais, por vezes identificados como sendo Deus;
ver uma revisão da própria vida;
sentir uma enorme relutância em voltar à vida.

Para George Ritchie e, através dele, para Aquele a quem sugeri.

A experiência de morrer

"Um homem está morrendo e, quando chega ao ponto de maior aflição física, ouve seu médico declará-lo morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, um zumbido alto ou toque de campainhas e, ao mesmo tempo, sente-se movendo muito rapidamente através de um túnel longo e escuro. Depois disso, encontra-se repentinamente fora do seu corpo físico... Logo outras coisas começam a acontecer.

Outros vêm ao seu encontro e ajudam. Vê de relance os espíritos de parentes e amigos já mortos, e aparece diante dele um espírito amigo de uma espécie que nunca encontrou antes — um espírito de luz."

Agradecimentos

Muitas pessoas me auxiliaram e encorajaram durante a pesquisa e redação deste livro e eu não poderia ter completado este projeto sem o seu auxílio. Meu bom amigo John Ouzts foi quem me convenceu a fazer minha primeira conferência pública sobre este assunto. John Egle, da Mockingbird Books, foi quem primeiro me incentivou a reunir minhas descobertas por escrito e forneceu apoio e estímulo. Leonard, Mae, Becky e Scott

Brooks forneceram-me alojamento, alimentação e condução em muitas ocasiões, quando precisei deles. Kathy Tabakian acompanhou-me em várias entrevistas, e eu me beneficieei de longos debates com ela. Russ Moores, Richard Martin e Ed McCranie, do Medical College, da Geórgia, deram-me valiosas sugestões e indicaram-me literatura muito relevante a respeito do assunto. Minha esposa passou longas horas relendo o manuscrito e as provas tipográficas. Finalmente, gostaria, acima de tudo, de agradecer a todos aqueles que me contaram seus encontros com a morte. Apenas posso esperar que este livro seja digno de toda a confiança que cada uma das pessoas acima mencionadas depositou em mim.

Prefácio

Tive o privilégio de ler, antes da publicação, uma cópia do livro do Dr. Moody, Vida depois da vida, e fiquei contente por este jovem estudioso ter tido a coragem de reunir suas descobertas e tornar acessível ao grande público este novo tipo de pesquisa.

Como durante os últimos vinte anos tenho trabalhado com pacientes vítimas de doenças incuráveis, tenho me preocupado cada vez mais em encarar o próprio fenômeno da morte. Já aprendemos muita coisa sobre o processo de morrer, mas ainda faltam muitas respostas em relação ao momento da morte e às experiências que os nossos pacientes têm quando se diz que estão clinicamente mortos.

A pesquisa, como a que o Dr. Moody nos apresenta no seu livro, é que nos esclarecerá muitas questões e confirmará o que nos tem sido ensinado há dois mil anos: que há vida depois da morte.

Embora o Dr. Moody não pretenda ter estudado a própria morte, fica evidente, pelas suas descobertas, que o paciente moribundo continua a ter informação consciente do seu ambiente depois de ter sido declarado clinicamente morto. Isso coincide em muito com a minha própria pesquisa, que utilizou relatos de pacientes que morreram e vieram de volta, totalmente contra nossas expectativas e muitas vezes para surpresa de alguns médicos bem conhecidos, altamente especializados e certamente competentes.

Todos esses pacientes experimentaram o ato de flutuar para fora de seus corpos físicos, associado com uma grande sensação de paz e totalidade. Muitos estavam cômnicos de outra pessoa que os ajudava' em sua transição para outro plano de existência. A maioria foi saudada por pessoas amadas que tinham morrido antes, ou por alguma figura religiosa que tinha sido significativa durante suas vidas e que coincidia, naturalmente, com suas próprias crenças religiosas. Foi esclarecedor ler o livro do Dr. Moody no momento em que me preparo para pôr no papel os resultados de minha própria pesquisa.

O Dr. Moody deve estar preparado para um bocado de críticas, vindas principalmente de duas áreas. Haverá membros do clero que ficarão perturbados por quem quer que ouse pesquisar uma área supostamente tabu. Alguns representantes de uma seita religiosa já expressaram seu descontentamento diante de estudos como este.

Um sacerdote referiu-se a "vender barato a graça". Outros sentem simplesmente que a questão da vida depois da morte deve permanecer uma questão de fé cega, não posta em dúvida por ninguém. O segundo grupo de pessoas do qual o Dr. Moody pode esperar que reajam ao seu livro com preocupação são os cientistas e os médicos que encaram estudos deste tipo como algo "não-científico".

Penso que alcançamos uma era de transição em nossa sociedade. É preciso ter a coragem de abrir novas portas e admitir que nossos instrumentos científicos atuais são inadequados para muitas dessas novas investigações. Penso que este livro abrirá essas novas portas para pessoas capazes de manter a mente aberta, e que lhes dará esperanças e coragem de avaliar novas áreas de pesquisa. Elas saberão que este relato do Dr. Moody é verdadeiro, e que foi escrito por um investigador autêntico e honesto. É também corroborado pela minha própria pesquisa e pelos resultados de outros que pensam com seriedade: cientistas, eruditos e membros do clero que têm tido a coragem de investigar este novo campo de pesquisa na esperança de ajudar aqueles que precisam saber mais do que acreditar.

Recomendo este livro a qualquer um que tenha a mente aberta, e congratulo o Dr. Moody pela coragem de publicar seus resultados.

Elisabeth Kubler-Ross, doutora em medicina.
Flossmoor, Illinois.

Introdução

Este livro, escrito como foi por um ser humano, reflete as opiniões, os preconceitos e o passado de seu autor. Por isso, embora eu tenha tentado ser objetivo e direto tanto quanto possível, certos fatos acerca de mim mesmo podem ser úteis na avaliação de algumas das afirmações extraordinárias que são feitas a seguir.

Em primeiro lugar, nunca estive eu mesmo próximo da morte, e portanto não estou apresentando um relato de experiências de primeira mão que eu mesmo tenha tido. Nem por isso posso reivindicar uma objetividade total, uma vez que as minhas emoções acabaram por ficar envolvidas neste projeto. Ao ouvir tantas pessoas relatarem as experiências fascinantes de que trata este volume, cheguei a sentir quase como se as tivesse vivido eu próprio.

Só posso esperar que essa atitude não tenha comprometido a racionalidade e o equilíbrio de minha abordagem. Em segundo lugar, escrevo como alguém que não está muito familiarizado com a vasta literatura sobre fenômenos paranormais e ocultos. Não digo isso para diminuí-la, e tenho confiança em que uma familiaridade maior com ela possa aumentar minha compreensão dos eventos que estudei. Na verdade, pretendo agora olhar mais de perto alguns desses escritos e ver em que extensão as investigações de outros são confirmadas pelos meus resultados.

Em terceiro lugar, minha educação religiosa merece algum comentário. Minha família frequentava a

Igreja Presbiteriana; entretanto, meus pais nunca tentaram impor suas convicções religiosas ou crenças aos seus filhos. De modo geral tentaram, à medida que eu crescia, encorajar quaisquer interesses que eu tivesse desenvolvido por mim mesmo, e proporcionavam oportunidades para que eu lhes desse continuidade. Assim, cresci tendo uma "religião" que não era um conjunto de doutrinas fixas, mas sim uma preocupação com doutrinas espirituais e religiosas, com ensinamentos e questões. Acredito que todas as grandes religiões do homem têm muitos conhecimentos para nos dar e que nenhum de nós tem todas as respostas quanto às verdades profundas e fundamentais de que a religião trata. Em termos de organização, sou membro da Igreja Metodista.

(O autor não se declara espírita, mas protestante histórico)

Em quarto lugar, meu passado acadêmico e profissional é algo diversificado — alguns diriam fraturado. Frequentei os cursos de pós-graduação em filosofia da Universidade da Virgínia e recebi meu doutoramento na matéria em 1969. Áreas de meu especial interesse em filosofia são: ética, lógica e filosofia da linguagem.

Depois de ensinar filosofia por três anos em uma universidade do leste da Carolina do Norte, decidi fazer medicina em uma faculdade, e pretendo tornar-me psiquiatra e ensinar filosofia da medicina em uma escola de ciências médicas. Todos esses interesses e experiências contribuíram necessariamente para moldar a abordagem que adotei neste estudo.

Minhas expectativas em relação a este livro são chamar a atenção para um fenômeno que é ao mesmo tempo muito amplo e muito bem escondido e, simultaneamente, ajudar a criar uma atitude pública mais receptiva. Pois é minha firme convicção que este fenômeno tem grande significado, não só para muitas disciplinas acadêmicas e práticas — especialmente psicologia, psiquiatria, medicina, filosofia, teologia e o sacerdócio —, mas também para a maneira como conduzimos a nossa vida cotidiana.

(sim, como teólogo, este tema tem grande importância para a teologia.)

Seja-me permitido dizer desde o começo que, com base no que explicarei bem mais tarde, não estou tentando provar que existe vida depois da morte. Nem creio que "prova" disso seja possível no presente. Em parte por essa razão, evitei usar nomes reais e alterei alguns detalhes identificadores das histórias, deixando ao mesmo tempo seus conteúdos inalterados. Isso foi necessário, tanto para proteger a intimidade das pessoas implicadas como, em muitos casos, para obter a permissão de publicar a experiência inicialmente a mim relatada.

Haverá muitos que acharão incríveis as afirmações deste livro e cuja primeira reação será descartá-las sem mais aquela. Não tenho nenhum argumento para censurar quem quer que se encontre nesta categoria; eu próprio teria exatamente a mesma reação apenas há alguns anos. Não estou pedindo a ninguém que aceite o conteúdo deste volume e acredite nele com base apenas na minha autoridade.

Com efeito, como um lógico que desaconselha o caminho da crença que procede de inválidos apelos à autoridade, peço especificamente que ninguém o faça. Tudo o que peço a alguém que desacredite do que lê é que investigue um pouco aqui e ali por conta própria. Já há algum tempo venho lançando este desafio repetidamente. Dos que o aceitaram, houve muitos que, céticos de início, chegaram a partilhar minha perplexidade diante destes eventos.

(No meu caso, a minha fé se baseia na autoridade da Bíblia como Palavra de Deus e não de uma imposição humana, como no caso dos católicos que tem um guia máximo que é o papa.)

De outro lado, haverá sem dúvida muitos que ao ler isto sentirão um grande alívio, pois terão descoberto que não estão sozinhos no ter tido tais experiências. A esses — especialmente se, como a maioria, esconderam sua história, exceto de umas poucas pessoas de confiança — só posso dizer isto: tenho a esperança de que este volume possa encorajá-los a falar com um pouco mais de liberdade, de modo que uma das mais intrigantes facetas da alma humana possa ser mais claramente elucidada.

I

O fenômeno da morte

Como é que é morrer?

Essa é uma questão sobre a qual a humanidade se tem debruçado desde que existem seres humanos. Durante os últimos anos tive oportunidade de levantar essa questão diante de um número considerável de audiências. Esses grupos incluíam desde classes de psicologia, filosofia e sociologia, passando por organizações religiosas, clubes cívicos e audiências de televisão, até sociedades profissionais de medicina. Com base nessa experiência, posso afirmar com segurança que este tópico excita os mais poderosos sentimentos em gente com os mais diversos tipos emocionais e modos de vida.

Entretanto, a despeito de todo esse interesse, ainda permanece verdade afirmar que é muito difícil para a maioria de nós falar sobre a morte. Há pelo menos duas razões para isso. Uma delas é antes de tudo psicológica e cultural: o assunto morte é tabu. Sentimos, talvez apenas subconscientemente, que estar em contato com a morte, de qualquer jeito, ainda que indiretamente, de algum modo nos coloca em confronto com a perspectiva de nossa própria morte, aproxima-nos de nossa morte e a torna mais real e pensável. Por exemplo, a maioria dos estudantes de medicina, incluindo eu próprio, descobre que mesmo o encontro com a morte que ocorre na primeira visita aos laboratórios de anatomia no início do curso de medicina pode provocar fortes sentimentos de mal-estar. No meu próprio caso, a razão dessa resposta parece agora bastante óbvia. Ocorreu-me retrospectivamente que não era inteiramente preocupação pela pessoa cujos restos mortais eu via ali, embora esse sentimento certamente estivesse presente. O que eu estava vendo naquela mesa era um símbolo de

minha própria mortalidade. De algum modo, ainda que apenas pré-conscientemente, este pensamento deve ter estado presente em minha mente: "Isto acontecerá comigo também". Da mesma forma, falar sobre a morte pode parecer ao nível psicológico um outro modo de aproximar-se dela indiretamente. Muita gente sem dúvida tem a sensação de que falar sobre a morte já é, com efeito, conjurá-la, trazê-la mais perto, de modo que seja preciso encarar a inevitabilidade do nosso próprio fim. Assim, para poupar-nos esse trauma psicológico, decidimos evitar o assunto tanto quanto possível.

A segunda razão pela qual é difícil discutir a morte é mais complicada, e tem suas raízes na própria natureza da linguagem. Na sua maioria, as palavras da linguagem humana aludem a coisas das quais temos experiência através dos nossos próprios sentidos físicos. A morte, entretanto, é algo que jaz além da experiência consciente da maioria de nós porque a maioria de nós ainda não passou por ela.

Se é que vamos falar acerca da morte, então é preciso evitar tanto os tabus sociais como os dilemas linguísticos profundamente estabelecidos que derivam de nossa própria inexperiência. O que frequentemente acabamos por fazer é falar por analogias eufemísticas. Comparamos a morte ou morrer com coisas mais agradáveis da nossa experiência, coisas com as quais temos mais familiaridade. Talvez a mais comum analogia desse tipo seja a comparação entre a morte e o sono. Morrer, dizemos a nós mesmos, é como dormir. Essa figura de retórica ocorre com muita frequência no pensamento e na linguagem cotidianos, bem como na literatura de muitas culturas e de muitas épocas. Era

aparentemente muito comum mesmo no tempo dos antigos gregos. Na *Ilíada*, por exemplo, Homero chama o sono de "irmão da morte", e Platão, na sua obra *Apologia*, põe as seguintes palavras na boca de seu mestre, Sócrates, que acaba de ser condenado à morte por um júri ateniense:

"[Agora, se a morte é só um sono sem sonhos,] deve ser um benefício maravilhoso. Suponho que, se se diz a alguém que escolha a noite na qual dormiu tão profundamente a ponto de nem sequer ter sonhos e depois que a compare com as outras noites e dias de sua vida, e então diga, dando a devida consideração, quantos dias e noites melhores e mais felizes do que essa passou em todo o curso de sua vida — bem, penso que. . . [qualquer] um acharia fácil contar esses dias e noites em comparação com o resto. Se a morte é assim, então digo que é um benefício, porque a totalidade do tempo, se encarada dessa maneira, pode ser vista como não mais do que uma só noite".

Nossa própria linguagem contemporânea está imbuída dessa mesma analogia. Considere a frase "pôr para dormir". Se você leva seu cachorro ao veterinário com a instrução de fazê-lo dormir, normalmente quer dizer algo muito diferente do que diria ao levar sua mulher ou seu marido a um anestesista com a mesma instrução.

Outros preferem uma analogia diferente, mas relacionada. Morrer, dizem, é como esquecer. Quando a gente morre, esquece todas as nossas mágoas; todas as nossas memórias dolorosas e perturbadoras são obliteradas. Velhas e difundidas como sejam, contudo, ambas as analogias, a do "dormir" e a do "esquecer", são

no fim das contas inadequadas no que diz respeito ao consolo que nos proporcionam. São duas maneiras diferentes de fazer a mesma afirmação. Ainda que nos digam isso de uma forma algo mais aceitável, ambas dizem, com efeito, que a morte é simplesmente a aniquilação da experiência consciente, para sempre. Se é assim, então a morte não tem na verdade nenhum dos aspectos desejáveis do dormir ou do esquecer.

Dormir é uma experiência positiva, desejável na vida porque se desperta depois. Uma repousante noite de sono faz com que as horas seguintes em que estamos despertos se tornem mais agradáveis e produtivas. Se não fosse seguido pelo despertar, nenhum dos efeitos benéficos do sono seria possível. Da mesma forma, a aniquilação de toda experiência consciente implica não só a obliteração das memórias desagradáveis, mas também a das agradáveis. Assim, uma vez analisadas, nenhuma das analogias chega a nos dar algum consolo ou esperança ao encarar a morte.

Há, no entanto, um outro ponto de vista que desaprova a ideia de que a morte é uma aniquilação da consciência. De acordo com essa outra e talvez mais antiga tradição, algum aspecto do ser humano sobrevive mesmo depois que o corpo físico cesse de funcionar e seja finalmente destruído. A esse aspecto persistente muitos nomes têm sido dados, entre os quais "psique", "alma", "mente", "espírito", "eu", "ser" e "consciência". Não importando o nome por que seja chamado, a noção de que se passa para outro reino da existência depois da morte física é das mais veneráveis entre as crenças humanas. Há um cemitério na Turquia que foi usado pelos homens de Neandertal há aproximadamente cem

mil anos. Lá, impressões fossilizadas permitiram aos arqueólogos descobrir que os homens primitivos enterravam seus mortos em ataúdes de flores, indicando talvez que viam a morte como a ocasião de uma celebração — como o trânsito dos mortos deste mundo para outro. Com efeito, túmulos encontrados em escavações muito primitivas em todas as partes da Terra nos dão testemunhos da crença na sobrevivência humana depois da morte.

Em resumo, deparamo-nos com duas respostas contrastantes à nossa pergunta original acerca da natureza da morte, ambas de derivação muito antiga, e, no entanto, sustentadas ainda hoje.

Alguns dizem que a morte é a aniquilação da consciência; outros, com igual confiança, que a morte é a passagem da alma ou da mente para uma outra dimensão da realidade. No que se segue não pretendo contrariar nenhuma dessas duas respostas. Quero simplesmente fornecer o relato de uma pesquisa que empreendi pessoalmente.

(Não, a morte não é a aniquilação da consciência. Há algumas passagens claras sobre isto na Bíblia, como a história do Rico e Lázaro.)

Durante os últimos anos encontrei um grande número de pessoas que estiveram envolvidas no que chamarei "experiências de quase morte". Encontrei essas pessoas de várias maneiras. A princípio, por coincidência. Em 1965, quando era estudante de filosofia na Universidade da Virgínia, encontrei um homem que era professor de psiquiatria clínica na faculdade de medicina.